

## O INSTITUTO PONTE NOVA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS

**Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento**

Universidade Tiradentes

E-mail: [esterfraga@gmail.com](mailto:esterfraga@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem o objetivo de investigar a trajetória de formação de professoras, ex-alunas do Instituto Ponte Nova, durante a década de 1930. Colégio protestante fundado, em 1906, por missionários presbiterianos norte-americanos, na cidade baiana de Wagner, durante décadas, foi responsável pela formação de gerações de professoras, que organizaram e dirigiram escolas denominadas primárias, mantidas pela Missão Central do Brasil, as quais funcionaram como berço de uma possível população para suas igrejas e o próprio IPN. O referencial teórico-metodológico está pautado em Chartier (1990), Catani (1997), Viñao Frago (1996, 1998), Freitas (2002) e em Ginzburg (2002). Durante décadas, o Instituto Ponte Nova formou gerações de professoras que atuaram no *hinterland* brasileiro, irradiando um modelo de educação presbiteriana e determinando novos comportamentos, valores e hábitos de higiene e saúde.

**Palavras-Chave:** Instituto Ponte Nova; Formação de Professoras; História da Educação Protestante.

## THE PONTE NOVA INSTITUTE AND TEACHER TRAINING

### Abstract

This work aims to investigate the trajectory of teacher education, former students of the Ponte Nova Institute, during the 1930s. Protestant college founded in 1906 by North American Presbyterian missionaries, in the Bahian city of Wagner, for decades, was responsible for the formation of generations of teachers, who organized and directed schools called primary, maintained by the Central Mission of Brazil, which functioned as the cradle of a possible population for their churches and the IPN itself. The theoretical-methodological framework is based on Chartier (1990), Catani (1997), Viñao Frago (1996, 1998), Freitas (2002) and Ginzburg (2002). For decades, the Ponte Nova Institute has trained generations of teachers who have worked in the Brazilian hinterland, radiating a model of Presbyterian education and determining new behaviors, values and habits of hygiene and health.

**Key words:** Instituto Ponte Nova; Teacher Education; History of Protestant Education.

*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 32, jan. - jun 2023.*

ISSN: 1982 -193X



A presença de missionários presbiterianos norte-americanos, no Nordeste, iniciou-se a partir de 1871, na cidade de Salvador. O grupo de missionários enviados pela Junta de Missões da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, responsável pela implementação do trabalho evangélico e educacional na Bahia, fora o mesmo que atuara em São Paulo, a partir de 1859, organizando, além de igrejas, instituições educacionais, das quais, a que mais se destaca, tanto na historiografia educacional brasileira como na historiografia protestante, é o *Mackenzie College* (Nascimento, 2022).

O Instituto Ponte Nova foi a primeira instituição de ensino secundário da Missão Central do Brasil a ser instalada numa área rural, funcionando como polo irradiador principalmente de professoras na região sob sua jurisdição, servindo de instrumentos, agentes, de um modelo de civilização para os sertões, através de escolas primárias fundadas e dirigidas por elas. O colégio se propunha a legitimar novas concepções no campo da educação, articuladas a estratégias religiosas de intervenção na área sob sua jurisdição, introduzindo mudanças no comportamento daqueles que seriam seus alunos. A educação oferecida pela escola seria o instrumento capaz de unificar, disciplinar, moralizar e homogeneizar os alunos que para ali acorressem, com vistas à efetivação de um projeto de sociedade.

Como apreender uma realidade tão distante e fugidia? Seria possível verificar se seus dirigentes tinham atingido os objetivos propostos? Quais dispositivos utilizados pela instituição poderiam ser percebidos através das representações feitas por antigos agentes educativos da escola? Como seus alunos poderiam ter refletido novas concepções de comportamento, atitudes e valores?

Partindo de uma documentação localizada principalmente em arquivos particulares e através de entrevistas realizadas, foi possível verificar como alguns modos de controle e regulação das pulsões naturais dos seus alunos e elementos formadores de determinada conduta foram propostos por aquele modelo de educação, possibilitando a materialização do seu projeto.

Além de entrevistas realizadas, um livro autobiográfico e dois manuscritos – um livro de memórias sobre a escola e um caderno de recordações – auxiliaram na reconstituição de fragmentos do cotidiano escolar, possibilitando “a visualização de rostos e a escuta de vozes de parcelas da população muitas vezes consideradas de maneira homogênea e que, embora

expressem uma época, um pertencimento social, de gênero, de etnia, de origem (rural ou urbana), são compostas de indivíduos singulares” (Lopes e Galvão, 2001, p. 90).

O caderno de recordações é tomado nesta pesquisa como espaço de sociabilidade, no qual ex-colegas deixam mensagens cifradas de amor, de otimismo, de reafirmação de uma amizade. O caderno da aluna Mary Regis foi-me disponibilizado por Nelson dos Santos Galvão, seu primo. É composto por 80 páginas, numeradas na parte superior direita. A maioria das poesias escritas é de autoria dos próprios colegas; outras são transcrições sem, no entanto, identificar seu autor. Muitas delas destacam a importância da pátria, exaltando as riquezas naturais do Brasil e sua grandeza territorial. Cidades como o Rio de Janeiro, Belém, Salvador e Fortaleza são descritas como lugares de “raras belezas” as quais tiveram “a glória e a ousadia de remir o cativo” (Regis, 1921, p. 4).

O livro de memórias, ainda inédito, foi-me cedido por Belamy Macedo Almeida, personagem vinculada ao Instituto Ponte Nova desde a década de 1930. Nele, a autora – ex-aluna, ex-professora e ex-diretora do colégio – reconstitui sua infância, aspectos da constituição urbana, atividades sociais e comerciais, curiosidades da cidade de Wagner e de seus moradores, e o surgimento da igreja presbiteriana na cidade. Analisando seu livro de memórias, como um “espaço de (re)construção do eu individual ou social que recorda, da memória biográfica e a cultural, dos lugares da memória” (Viñao Frago, 2004, p. 335) e, conseqüentemente, do esquecimento e dos silêncios, é possível apreender a força de um modelo de conduta determinado pela escola e a imagem que deveria ser projetada, tendo os dirigentes e mestres da instituição como espelho.

O livro autobiográfico de Sancha dos Santos Galvão, “Saudosas Memórias: memórias de vida de uma professora evangélica no sertão do Brasil”, foi publicado postumamente pelo seu filho, Nelson dos Santos Galvão, em 1993. Seu conteúdo denota a imbricação existente entre a trajetória de vida da ex-aluna e ex-professora de escolas presbiterianas com a ação missionária presbiteriana na região.

O conceito de representação, compreendido por Chartier (1990) como discursos que apreendem e estruturam o mundo, possibilita apreender a relação entre os discursos e as práticas, as formas pelas quais seus diretores e autoridades do ensino interpretaram os objetivos da escola. A noção de representação, por sua vez, remete ao problema da

apropriação, ou seja, a maneira pela qual os indivíduos reinterpretem e utilizam-se de modelos culturais postos em circulação num determinado momento. Os projetos, discursos e modelos pedagógicos, materializaram-se, no Instituto Ponte Nova, através da ritualização de comportamentos, intercâmbio de experiências, configuração de formas de pensar, sentir e agir, produzindo uma identidade escolar distinta de outras instituições sociais.

### **As Professoras do Instituto Ponte Nova**

Durante muito tempo, os estudos sobre o processo de formação de professoras não foram priorizados pela historiografia educacional brasileira. No entanto, ultimamente a experiência de vida de professoras como agentes educacionais e, especificamente, a feminização do magistério tem se tornado sujeito da memória. Dar visibilidade às mulheres professoras possibilita identificar e reconhecer espaços de resistências, além de desconstruir uma história da educação registrada em sua maioria por homens e respaldada por documentos oficiais.

O fenômeno de feminização do magistério refletia um conflito entre mudanças de valores vigentes e a permanência dos padrões de comportamentos tradicionais, pois a feminização do magistério reforçava a imagem de que a atividade docente era uma profissão secundária ou complementar, estando associado a características tidas como tipicamente femininas – paciência, minuciosidade, afetividade e doação – as quais estariam articuladas à tradição religiosa da atividade docente vinculando a ideia de que a docência seria mais um sacerdócio do que uma profissão (Louro, 1997, p. 450). Até os anos de 1930, o magistério foi a única profissão feminina, regulamentada, que exigia, entretanto, algum grau de estudo para a mulher de classe média.

Como o processo educativo, tanto no Instituto Ponte Nova como em outras instituições confessionais, estava muito vinculado à religião, ser professora era compreendido como uma missão, um desígnio de Deus. A professora representava um modelo de educação e de conduta serem seguidos. Ela porta o saber e professa a boa nova, a verdade, aos seus alunos. A “Pedagogia vai se esmerar, criando regras de conduta e normas do que é ser um bom professor, uma boa professora, que terá como missão a mais justa correção daqueles a quem compete educar” (Lopes, 1998, p. 67).

A educação como estratégia religiosa sempre acompanhou os missionários norte-americanos e as missionárias educadoras<sup>1</sup>; estas desempenharam um papel fundamental na implementação do projeto civilizador que os norte-americanos consideravam trazer para outros povos. As primeiras mulheres presbiterianas norte-americanas que atuaram no Brasil foram esposas dos missionários pioneiros. Algumas delas, mesmo que não fossem especificamente professoras ou evangelistas, eram consideradas missionárias pelas Juntas de missões norte-americanas, como foram os casos de Elizabeth Simonton Blackford, Helen Murdoch Simonton, Ella G. Kinsley Schneider, Marta Dale Lenington, Mary Lenington Waddell<sup>2</sup>.

Analisando o livro de Matos (2004) e os livros de atas da Missão Central do Brasil (1912, 1938), foram localizados, no período de 1871 a 1937, 29 homens e 40 mulheres enviadas pela Junta de Nova Iorque para trabalhar na Missão Central do Brasil, das quais, quatro delas eram enfermeiras, seis, de formação desconhecida e cinco eram esposas de missionários, não sendo possível localizar seus nomes. Das 25 missionárias educadoras, nove eram solteiras e as outras, casadas com missionários.

As professoras protestantes eram semelhantes as *scholl marms*, “professoras missionárias diplomadas nos Estados Unidos e frequentemente com vários anos de experiência no magistério público e particular”, que lecionavam nos colégios protestantes norte-americanos instalados no Brasil, credenciando as instituições educacionais “quanto à eficiência e seriedade de seu trabalho” (Hilsdorf [Barbanti], 1977, p. 164)<sup>3</sup>. Deixavam suas famílias e seu país para disseminar um saber em terras, segundo registros dos missionários, inóspitas, hostis, incivilizadas. Mas, o que as levava a tomar aquela decisão?

Tocqueville aponta algumas impressões a respeito da educação familiar norte-americana que possibilita inferir sobre esta questão. Para ele, uma atitude de liberdade feminina fora ensinada pela família norte-americana através da inculcação de hábitos políticos e das crenças religiosas. Nos Estados Unidos, as doutrinas protestantes combinavam-se “com uma constituição muito livre e um estado social muito democrático”, formando uma jovem “mais

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Matos (2004, p. 439) para referir-se às missionárias presbiterianas norte-americanas.

<sup>2</sup> Dentre os trabalhos escritos sobre a atuação de missionárias presbiterianas no Brasil, destacam-se o de Matos (1998), Figueiredo (2001), Hilsdorf (Barbanti, 1977) e Almeida (2000).

<sup>3</sup> Segundo Hilsdorf [Barbanti], desde o início da imigração norte-americana, o magistério tornara-se uma das principais ocupações de suas moças no Brasil. Além de ensinarem na Escola Dominical, lecionavam as primeiras letras às crianças de seu próprio núcleo, tornando-se “preceptoras particulares, professoras de inglês ou de outras línguas, diretoras de colégios e até professoras públicas” (Hilsdorf [Barbanti], 1977, p. 109).

emancipada da tutela materna”, que “pensa por si mesma, fala livremente e age sozinha; diante dela está exposto sem cessar o grande quadro do mundo; longe de procurarem ocultá-lo à sua vista, apresentam-no cada dia mais a seus olhos e ensinam-lhe a considerá-lo com um olhar firme” (Tocqueville, 2000, v. 2, p. 246, 150). A educação recebida dava-lhe a uma certa independência, dando-lhe o direito de optar em continuar na casa dos pais, prosseguir nos estudos, seguir uma carreira ou casar-se.

O protestantismo sempre se preocupou na formação de seus quadros. Quanto à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, a Junta de Nova Iorque exigia que as professoras dos seus estabelecimentos de ensino tivessem uma formação profissional pedagógica e fossem comprometidas com a doutrina da igreja, pois como afirmava George W. Chamberlain, “a importância e proficiência numa escola estão na razão direta do valor pessoal do professor. Nada valerão as escolas sem bons mestres” (Ribeiro, 1981, p. 241).

Apesar de o Instituto Ponte Nova ter estabelecido, desde a sua organização, que um dos seus objetivos era oferecer um curso de preparatórios para os futuros pastores de suas igrejas, o curso normal tomou um relevante significado, caracterizando a instituição como formadora de professoras, disseminadoras da prática pedagógica presbiteriana norte-americana<sup>4</sup>. No período de 1907 a 1939, a escola formou cinco rapazes, baianos, e 76 moças, das quais, 68 eram baianas, seis, sergipanas e duas, piauienses (INSTITUTO PONTE NOVA, 1947).

Diferentemente da maioria das professoras nas primeiras décadas do século XX, que adotavam o celibato pedagógico ou utilizavam o curso para “esperar marido” (Freitas, 2002), muitas alunas-mestre formadas no Instituto Ponte Nova, casaram-se e, mesmo acompanhando o marido, mantiveram a profissão, trabalhando nas escolas da Missão ou abrindo os seus próprios estabelecimentos de ensino. Redimensionando os papéis tradicionalmente vivenciados por outras mulheres que em várias circunstâncias, “foram mantidas mudas e confinadas ao domínio privado”, as jovens professoras presbiterianas participaram do espaço público, registrando suas experiências, as quais emergiram por intermédio de sua autobiografia, explicitando seus valores, estereótipos e as imposições culturais do seu tempo (Catani, 1997, p. 44).

---

<sup>4</sup> Diferentemente do Instituto Ponte Nova, no período de 1890 a 1930, a frequência de alunos na Escola Americana e no *Mackenzie College*, em São Paulo, foi de 69% para 31% de moças (Laguna, 1999, p. 59)

Durante o período pesquisado, pode-se observar que o Instituto Ponte Nova manteve o objetivo inicial de enviar as novas professoras brasileiras para fundarem e dirigirem escolas primárias, realizando o trabalho educacional itinerante, semelhante ao das missionárias educadoras norte-americanas. Geralmente, as que não fossem enviadas pela Missão, retornavam ao seu local de origem e abriam escolas particulares, “preparando alunos que, mais tarde, concluiriam seus estudos, no Instituto Ponte Nova, pois, as escolas públicas eram raras, no sertão baiano, e, segundo Galvão, “as moças formadas na capital não tinham interesse em ir para o interior, principalmente, pelas dificuldades de transporte e de hospedagem” (Galvão, 1993).

Sete anos depois de o Instituto Ponte Nova estar funcionando, a Revista das Missões Nacionais destacava, em um artigo, que as escolas paroquiais, “sertanejas”, dirigidas por professoras formadas pela escola, constituíam não somente uma “bênção para aquelas populações desprovidas de ensino público”, mas ofereciam “o ensejo de se dar à nova geração de vigorosos rebentos do povo ativo do interior, um impulso salutar na direção do cristianismo em sua simplicidade e poder” (Revista das Missões Nacionais, 1913, p. 2)<sup>5</sup>. Em Sergipe, além da Escola Americana, a primeira instituição educacional secundária protestante organizada, no Nordeste, foram fundadas escolas paroquiais nas cidades de Estância, Riachuelo, Simão Dias, Frei Paulo e Riachão do Dantas (Nascimento, 2004a, p. 219, 294). Das professoras formadas, no Instituto Ponte Nova, foi possível reconstituir a trajetória de vida de algumas sergipanas e baianas.

Sancha dos Santos Galvão nasceu em 13 de março de 1888, em Cachoeira, onde sua família morava, há alguns anos. No entanto, após alguns meses do seu nascimento, todos voltaram para a Fazenda Flores, próxima à antiga Orobó Grande, atual Rui Barbosa. Seu pai, Manoel Raymundo dos Santos era capitão da Guarda Nacional, alfabetizado, negociante, que vendia animais, em São Paulo, na feira de Sorocaba, onde entrou para a Maçonaria (Galvão, 1993, p. 3, 11). Sua mãe, Margarida, sempre preocupada com a educação dos filhos, organizou uma escola para seus irmãos mais velhos e para outras crianças da fazenda. Além de Sancha, ela

---

<sup>5</sup> Um relatório realizado em 1916, sobre o trabalho educacional implementado pela Missão em Wagner, também informava que “o grande sucesso daquele sistema escolar, após considerável discussão e uma grande oposição, foi adotado pela escola pública municipal”. Este documento integrava o Relatório da III Comissão de Educação, reunida no Congresso do Panamá, em 1916, cujo Comitê Executivo era composto pelo Reverendo Erasmo Braga, do Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana de Campinas; o Reverendo Samuel Rhea Gammon, diretor do Instituto Evangélico de Lavras, em Minas Gerais; e William A. Waddell, diretor do *Mackenzie College*, em São Paulo (*The Missionary Education Movement*, 1917, p. 437).

teve mais cinco filhos, dentre eles, Antônio dos Santos, futuro pastor em Sergipe e marido da professora sergipana Penélope Magalhães (Nascimento, 2004a).

Em 1892, George W. Chamberlain, o mesmo missionário que, em 1870, organizara a Escola Americana de São Paulo, futuro *Mackenzie College*, foi transferido a Bahia, fixando-se em Cachoeira. Em março de 1893, acompanhado do colportor e evangelista José Clementino, George W. Chamberlain visitou a Fazenda Flores. A partir deste contato, toda a família Santos se converteria ao presbiterianismo e Sancha dedicaria sua vida ao magistério, ensinando em escolas abertas pelos missionários e nas instituições educacionais que ela mesma fundou.

Como sua mãe tinha o cuidado em educar seus filhos, Sancha teve o primeiro contato com um modelo norte-americano de educação, na escola primária dos Cooper, casal pertencente ao Exército da Salvação. Lá, fazia-se ginástica, e as pessoas ficavam espantadas de haver tanta ordem se não era utilizada a palmatória. Nas paredes havia mapas e figuras instrutivas, como também um quadro de honra, no qual, aquele que tirasse o maior número de notas boas durante a semana ganhava uma estrela de papel dourado.

No final de 1896, o missionário presbiteriano William Alfred Waddell, empreendeu uma viagem missionária à Bahia. Durante a visita, William A. Waddell, viúvo, conheceu a filha de George W. Chamberlain, Laura Chamberlain, missionária e professora, amiga da família Galvão, com a qual se casou. Em 1904, o casal Waddell seguiu para São Félix, abrindo um internato feminino. William A. Waddell foi à fazenda Flores convidar Sancha para estudar na nova escola. A proposta para a escola era que, além do primário, seriam oferecidos os cursos secundário e industrial (Nascimento, 2008).

Segundo Sancha, a escola funcionava num sobrado, no qual as salas eram bem ornamentadas e com uma boa mobília. As paredes possuíam quadros negros, mapas e quadros instrutivos. Em sua sala, funcionavam duas classes, com carteiras duplas. Ainda registra sua lembrança de um livro de leitura, *Coração*, de Raimundo de Amicis. Como era uma aluna adiantada, foi auxiliar das disciplinas de matemática e leitura, do 2º ano.

Pela falta de um manancial aquífero na região, em 1906, William A. Waddell decidiu transferir-se, juntamente com a escola, para outro local, instalando-se na Fazenda Ponte Nova, que era cortada pelo rio Utinga, na cidade de Wagner, fundando o Instituto Ponte Nova. E *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 17, n. 32, jan. - jun 2023. ISSN: 1982 -193X*

Sancha também foi. Segundo a futura professora, as moças que se formavam no IPN, como ficou conhecido, retornavam para seu local de origem, e abriam escolas particulares ou ensinavam nas escolas paroquiais da Missão, preparando alunos que, mais tarde, vinham terminar os seus estudos no colégio, pois, as escolas públicas eram raras, no sertão baiano, e as moças formadas na capital não tinham interesse em ir para o interior, principalmente pelas dificuldades de transporte e de hospedagem. As igrejas pagavam a elas o salário de 450 mil réis pelo ano letivo e todas as suas despesas, incluindo a viagem de ida e volta das férias.

O sistema na escola era de estudo e trabalho. Os alunos faziam todo o trabalho do colégio, inclusive o da roça e da criação e “todos estavam presentes nas horas marcadas para aulas, trabalhos, divertimentos, refeições, cultos e até passeios”. As segundas-feiras eram destinadas a lavagem da roupa. Aos sábados, à noite, todos se reuniam para brincar. “Cantavam, recitavam. Havia diversos brinquedos que se chamavam brinquedos de salão” (Galvão, 1993, p. 49).

Em 1907, Sancha concluiu seu curso normal, em Ponte Nova, e foi enviada por William A. Waddell para lecionar na Fazenda Cachoeira, do Coronel Benjamin Nogueira Paranaguá, próxima à pequena Vila do Corrente, no Piauí. Em sua escola, ela teve como alunos não só os filhos do Coronel, como outras crianças vindas de Teresina e de outras fazendas. Antes de Sancha, o Coronel levava uma professora batista norte-americana. Como ela falava pouco o português, foi-se embora, deixando, entretanto, todo o material escolar que constava de carteiras, mapas, livros de jogos e brinquedos, alguns em português, outros em inglês, livros de leitura, cadernos de caligrafia e desenho, giz e quadros-negros. Como outros fazendeiros deixavam seus filhos durante a semana, ela abriu um pequeno internato. Além de alfabetizar, ensinou também noções de higiene e boas maneiras. Lá, as mulheres e as crianças não se sentavam em cadeiras nem bancos, mas no chão. Sancha ensinou-as a sentar na carteira, com as pernas para baixo, pois sempre as cruzavam, quando não ficavam de cócoras no banco.

Em meados de 1909, Sancha retornou do Piauí, trazendo consigo os alunos que terminaram o curso primário para continuar os estudos no Instituto Ponte Nova, onde lecionou durante os dois anos seguintes. Dois anos depois, foi enviada para ensinar, na Escola Americana de Estância, em Sergipe, dirigida pelo missionário presbiteriano norte-americano Cassius E. Bixler. Mas não demoraria muito tempo, pois, em 1913, os Bixler foram transferidos para dirigir o Instituto Ponte Nova, e Sancha deveria retornar com eles. No Instituto Ponte Nova,

além de dar aula, auxiliou Florence Bixler, na direção do internato feminino. Em 1915, assumiu a escola paroquial da cidade baiana de Bonfim, na qual, à exceção dos filhos dos crentes, seus alunos eram filhos das principais famílias do lugar. Além das aulas, ensinava português aos missionários norte-americanos – os Reese, os McClement e os Short.

Entretanto, no ano de 1917, Sancha casou-se com Manoel da Silva Galvão e foi morar na cidade de Campo Formoso, deixando de ensinar, nas escolas da Missão, abrindo sua própria instituição educacional. Em 1924, mudou-se para Itabuna e, já no ano seguinte, abriu uma escola primária – a Escola Americana - em sua casa, inicialmente, com três alunos. Em pouco tempo, espalhou-se a notícia de que havia uma professora na cidade que ensinava por métodos americanos, que já havia ensinado em vários lugares e a escola lotou. Ela organizava festas escolares e passeatas nos feriados e, muitas vezes, estas festas eram feitas em conjunto com as escolas públicas e levadas ao teatro da cidade. Certa ocasião, o delegado escolar veio assistir ao plantio da árvore, na primeira vez, que se festejava a árvore na cidade e ofereceu uma medalha à aluna da Escola Americana por ter recitado uma poesia e ter sido a mais aplaudida. Mais duas professoras se uniram ao corpo docente da escola – Eulália Alcântara e Dioclécia dos Santos. O bom relacionamento que a escola possuía com o professorado local permitia o intercâmbio de professores e alunos com a cidade de Ilhéus.

Como na época não existiam ginásios, Sancha começou a oferecer o curso de admissão aos que terminavam o primário e encaminhá-los para o Ginásio Americano, futuro Dois de Julho, em Salvador, sob a direção do casal presbiteriano norte-americano Baker. Seu filho, Silas, foi aluno da primeira turma de formandos. Provavelmente, na década de 1940, Sancha retornou a Campo Formoso, dirigindo o Ginásio Augusto Dourado e lá encerrou suas atividades no magistério (Nascimento, 2004b).

Dentre os alunos que a escola recebeu, em 1907, estava Dalila do Carmo Costa, provavelmente com 14 anos, nascida na cidade sergipana de Estância. Segundo entrevista realizada com sua ex-aluna, Belamy Macedo Almeida (2004), Dalila era mulata, de estatura baixa, franzina, acanhada, falava pouco. Órfã de pai e mãe, possuía um irmão, Olímpio, que deixara em sua cidade natal. Iniciara seus estudos na Escola Americana de Aracaju, sob a direção de Woodward E. Finley (Galvão, 1993), e fora levada anos antes pelos missionários presbiterianos para Salvador. Antes de retomar seus estudos no IPN, foi lecionar nas cidades

América Dourada e João Dourado. Sua média geral, no período de 1912 a 1914, foi “Excelente” (IPN, 1925).

Dalila formou-se, em 1914, e dedicou-se a lecionar português na instituição. Segundo Belamy M. Almeida, era uma professora “exigente no uso correto das regras gramaticais” e “esforçava-se para que todos aprendessem o vernáculo”. Corrigia todos os cadernos dos alunos e, no dia seguinte, chamava cada um para orientá-los. Os valores morais e éticos defendidos pela escola estavam presentes nos exercícios de caligrafia aplicados pela professora: “uma ovelha má põe o rebanho a perder; a mentira tem pernas curtas; dize-me com quem andas e direi quem és” (Almeida, 2004).

Para os missionários norte-americanos, a educação oferecida no IPN funcionaria como instrumento de remodelação do indivíduo, produzindo o que Elias denominou de “uma trama delicadamente tecida de controles, que abarca de modo bastante uniforme, não apenas algumas, mas todas as áreas da existência humana” que é instilada nos jovens, “desta ou daquela forma, e, às vezes, de formas contrárias, como uma espécie de imunização, através do exemplo, das palavras e atos dos adultos. E o que era, a princípio, um ditame social acaba por se tornar, principalmente, por intermédio dos pais e professores, uma segunda natureza no indivíduo, conforme suas experiências particulares” (Elias, 1994, p. 98). Belamy M. Almeida é um exemplo desse processo, quando apresenta Dalila Costa como possuidora das qualidades de uma professora exemplar: dedicada, responsável, competente, esforçada, pontual. “Era muito severa, não tolerava brincadeiras e risos fora de hora”. Dentre os livros adotados, utilizava os livros de leitura de Erasmo Braga.

A presença dos missionários norte-americanos também imprimira sua marca no espaço urbano de Wagner. Muitas ruas receberam nomes de missionários e ex-professores do IPN. Provavelmente, em meados da década de 1960, Dalila Costa foi homenageada com uma rua, no centro da cidade. Durante 50 anos, dedicou-se ao magistério. Foi uma celibatária. Não se casou, não teve filhos, morava sozinha. Dentre algumas decisões tomadas pela Missão Central do Brasil, antes de se retirar da Bahia, em 1972, uma delas foi ceder uma de suas casas para a professora até a sua morte. Segundo depoimentos, não se queixava de nada, além da surdez que lhe tolhera a possibilidade de continuar trabalhando. Durante seus 86 anos, educação e religião sempre caminharam juntas. Apesar dos problemas de saúde, frequentava os cultos aos domingos. Meses antes de falecer, doou à Igreja Presbiteriana de Wagner seus pertences mais

valiosos: uma estante, uma cadeira, o relógio cuco. No seu sepultamento, os parentes foram substituídos pelos amigos, colegas e ex-alunos (Nascimento, 2004c).

A trajetória da professora Maria da Glória Chagas foi possível realizar a partir do depoimento de Shirley Chagas Valverde (2004), sua sobrinha, e de documentos do Instituto Ponte Nova. Sua experiência também é reveladora do grupo, da vida social da qual fazia parte, demonstrando a incorporação de um discurso que associa a religião ao magistério e este à abnegação, à civildade, à doação, à disciplina.

Glorinha, como gostava de ser chamada, nasceu em 1906, na Fazenda Lagamar, situada no município de Frei Paulo, em Sergipe. Era a segunda filha de uma família de 12 filhos, a primeira filha mulher. Seus pais, João Francisco Chagas e Maria Gracinda de Oliveira Chagas, eram presbiterianos. Religião e educação caminharam juntas, na formação dos seus filhos. João Chagas, um próspero e abastado fazendeiro, mantinha uma escola dentro de sua fazenda. Realizava diariamente reuniões de oração, leituras bíblicas e cânticos com a família e agregados. De suas filhas, Zelita foi estudar no colégio presbiteriano Agnes Erskine, em Recife, e Glorinha, no Instituto Ponte Nova. Lá, seus estudos reforçaram os rígidos conceitos religiosos adquiridos e desenvolvidos em família e adicionaram itens de cultura e conhecimento à sua formação intelectual, como aprender latim, inglês e a tocar piano.

Depois de concluído o curso, em 1920, Glorinha voltou a Sergipe e lecionou, por algum tempo, no Colégio Guilhermino Bezerra, em Itabaiana. Após uma desilusão amorosa, Glorinha transformou-se numa pessoa mais fechada, introvertida, dedicando-se inteiramente à educação e à religião, fazendo do magistério a missão da sua vida. Saiu de Itabaiana e fixou residência em Aracaju, trazendo dois sobrinhos, filhos do seu irmão mais velho, para educar, e indo lecionar na Escola N. Senhora da Salete, da professora Ester Lopes. Paralelamente, mantinha em sua residência uma escola noturna, transformando-a também numa espécie de república de estudos com a presença de sobrinhos, primas e conhecidos que ali se hospedavam para estudar em diversos colégios. Segundo Valverde, em sua casa, só se respirava e se conversava sobre estudo, lições, educação, religião e cultura, ali entendida como estudo de piano, violão e canto. Era avessa às pilhérias e galhofas e considerava o ato de ir ao cinema um desperdício de tempo e uma atitude leviana, em detrimento de uma boa leitura. Professora severa, exigia o perfeito emprego da língua pátria, a nitidez e correção da

palavra escrita e o domínio no emprego da Aritmética e da Matemática. Quando achou que já tinha cumprido a sua missão, voltou à fazenda, falecendo em julho de 1987.

Já a professora Lydia Pereira César formou-se em 1914 e, até meados de 1926, trabalhou nas escolas primárias da Missão, lecionando, no período de 1916 a 1918, no Instituto Ponte Nova, e também em Utinga (1915, 1921 a 1923), Cachoeirinha (1919), Caetité (1920, 1925) e Riacho de Santana (1924). Em Pedra Azul, cidade de Minas Gerais, ensinou ,durante o primeiro semestre do 1926, quando aceitou o convite para lecionar, no Grupo Escolar Dr. Clemente Faria. Em 1935, numa época de transição política local, foi demitida, decidindo abrir uma escola particular, em sua própria casa (Galvão, 2005)<sup>6</sup>.

Alguns dispositivos foram utilizados pela instituição para forjar, nas futuras professoras, novas atitudes e valores. A normatização de comportamentos que se queria estabelecer nas alunas fazia-se por uma série de prescrições, como a aparência, as premiações, as notas de aplicação, as solenidades, a obediência aos superiores, a assiduidade, a pontualidade.

Outra ex-aluna da instituição, durante a década de 1930, Olda do Prado Dantas, demonstra também em seu depoimento o reflexo da educação recebida, na formação do seu caráter, moldado também pela maneira como seus antigos professores se portavam, ensinavam, vistos por ela como pessoas desprendidas, desapegadas às coisas materiais, terrenas:

O ensino ali era ministrado por professores capacitados, compostos de brasileiros e americanos, que exerciam o cargo com amor e dedicação. Haja vista, a consagração dos americanos que deixavam a sua pátria, a sua parentela para virem ao Brasil, preparar alunos intelectualmente e espiritualmente, pois criam num Deus soberano e que está no controle de todas as coisas (Dantas, 2004).

No ambiente escolar, o zelo pela ordem contribuía para o desenvolvimento de hábitos de estudo, o equilíbrio emocional e a concentração, nas tarefas escolares, colaborando para um aprendizado bem sucedido. A ordem hierárquica demonstrava a importância em se obedecer aos superiores e às normas estabelecidas, para a boa condução da vida escolar em grupo, minimizando os conflitos e procurando solucionar os casos de indisciplinas.

No Instituto Ponte Nova, apesar do rígido regulamento, suas normas proibiam os castigos corporais para a correção do comportamento do aluno. A professora recebia a determinação

---

<sup>6</sup> Anos depois, a professora Lydia César decidiu fechar a escola e se dedicar à criação dos seus cinco filhos, os quais fizeram o curso primário com ela (Galvão, 2005).

que, ao invés de castigar, deveria desenvolver suas boas tendências, evitando reprimir as más. A tendência à desobediência deveria ser combatida através de “atrações e interesses do que por castigos e ralhos”. Nunca deveria se castigar, com espírito de vingança, pois este, quando preciso, seria “certo e apropriado, sem ameaças”. A escola “não era lugar para palmatória”. Era determinado também que, “em cousas menores, os olhos podem muito mais que a língua”, e o professor “nunca deveria usar de engano” (César, 1914).

O castigo corporal não era utilizado, mas as ações dos alunos eram permanentemente fiscalizadas, monitoradas e suas atitudes, controladas. Nos internatos, os castigos para as faltas “comuns” consistiam em não ir à rua, no único sábado, que podiam sair durante o mês; ficar de castigo, no escritório do/a diretor/a; receber reprimendas; escrever sentenças; escrever para os pais, relatando o ocorrido e o castigo recebido. Aquele que ficava reprovado ia para o “quadro de luto” e se fosse interno, perdia o direito de fazer esportes, a não ser as aulas de educação física; se fosse externo, tinha algumas limitações. A sala mal comportada era “presenteada” com uma prova surpresa, pois o lema era “lição dada, lição cobrada” (Almeida, 2004).

Dentre as exigências que se fazia, para quem quisesse permanecer no estabelecimento, era a proibição de qualquer tipo de comportamento rejeitado socialmente, principalmente quando o aluno estivesse trajando o uniforme da escola. Os internos que brigavam na rua eram castigados. Os alunos saíam fardados de férias. Segundo a professora Belamy M. Almeida, certa ocasião, um grupo, voltando das férias, brigou na rua, “sujando o nome do colégio”, sofrendo os castigos de não poder jogar e nem ser liberado, no fim de semana, para passear nas ruas da cidade.

Para Belamy M. Almeida (2004), as prescrições marcaram, indelevelmente, seu caráter. Anos depois, ela afirmava que, nos tempos atuais, existe uma “libertinagem” entre as crianças e os adolescentes que “parece não haver remédio”. No entanto, em seu registro também é possível perceber que nem todos os pais concordavam com a rigidez das normas da instituição, mas enviavam seus filhos, provavelmente, por ser a escola mais próxima de suas residências, ou pela oportunidade de obter uma formação profissional.

## Considerações Finais

Durante décadas, o Instituto Ponte Nova formou gerações de professoras que atuaram, no *hinterland* brasileiro, irradiando um modelo de educação presbiteriana. A pedagogia religiosa oferecida pela instituição tinha por objetivo imprimir, nas futuras professoras, a doutrina presbiteriana, determinando novos comportamentos, valores e hábitos de higiene e saúde. O controle do tempo, através de atividades, tinha uma função reguladora de atitudes e modeladora do comportamento. O processo de escolarização da instituição visava a inculcar no indivíduo preceitos religiosos, a autodisciplina, uma consciência moral, moldando a estrutura da personalidade do aluno.

Mesmo sabendo que o documento é o resultado da construção de uma realidade feita por homens, estes mesmos homens deixam pistas, rastros, traços, pequenas impressões que escapam do seu controle, as quais são “marcas digitais ou sulcos de formão que podem ser detectados por um perito”, possibilitando reconstruir conformações/representações culturais de determinada sociedade (Eco e Sebeok, 1991, p. 44). O pesquisador não pode esquecer-se ao avaliar as provas que, “todo ponto de vista sobre a realidade, além de ser intrinsecamente seletivo e parcial, depende das relações de força que condicionam, por meio da possibilidade de acesso à documentação, a imagem total que uma sociedade deixa de si” (Ginzburg, 2002, p. 43).

É possível afirmar que o Instituto Ponte Nova contribuiu para as transformações de valores sociais baianos quanto à construção da profissionalização da mulher, não mais vista somente como mãe e dona de casa. Procurar reconstituir a trajetória de vida de algumas delas é retirá-las do mar do esquecimento e pinçar do passado as pegadas, os sinais, os rastros deixados num tempo já esmaecido que formam um mosaico de experiências, ações, atitudes que, quando juntas, possibilitam vislumbrar as cores que um dia tiveram.

## Referências

ALMEIDA, Belamy M. de. **Memórias do IPN**. Inédito.

ALMEIDA, Jane Soares. É preciso educar o povo – a influência da ação missionária protestante na educação escolar brasileira. CUNHA, Marcus Vinicius da (org). **Ideários e**

- imagens da educação escolar.** Campinas: Autores Associados, Araraquara. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000, p. 45-66.
- CATANI, Denice et alii. **Docência, memória e gênero.** Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CENTRAL BRAZIL MISSION.* **Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission, 1897-1912.** Vitória: Acervo particular de James Wright, 1912.
- CENTRAL BRAZIL MISSION.* **Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission, 1904-1938.** Vitória: Acervo particular de James Wright, 1938.
- CÉSAR, Lydia Pereira. **Caderno de pontos da profa. Lydia Pereira César.** Salinas: Acervo particular de Noeme Galvão, 1914.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- ECO, U. e SEBEEK, T. A. (orgs.). **O signo de três.** São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FERREIRA, Júlio A. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. V 2, 1992.
- FIGUEIREDO, Eneida. **As escolas paroquiais protestantes em Brotas no final do século XIX.** Dissertação de Mestrado em Educação. Araraquara: FLC-UNESP, 2001.
- FREITAS, Anamaria G. B. de. **Vestidas de azul e branco:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2003.
- GALVÃO, Sancha. **Saudosas memórias** – memórias da vida de uma professora evangélica no sertão. Rio de Janeiro: Editora e Livraria Swedenborg Ltda, 1993.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força:** história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HILSDORF [BARBANTI], Maria Lúcia S. **Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1977.

INSTITUTO PONTE NOVA. **Livro de Registro de Pontos/Matrícula - 1911-1925.** Wagner: Arquivo do Instituto Ponte Nova, 1925.

INSTITUTO PONTE NOVA. **Diplomados do Instituto Ponte Nova.** Wagner: Arquivo do Instituto Ponte Nova, 1947.

LAGUNA, Shirley P. **Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo (1889-1933).** Internato de meninas: uma leitura de seu cotidiano e da instrução e educação feminina aí ministradas. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1999.

LOPES, Eliane Marta. T. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, Eliana M. T. (org.). **A psicanálise escuta a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LOPES, Eliane M. T. e GALVÃO, Ana M<sup>a</sup> de O. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. Del (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997, p. 443-481.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900):** missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. **Educar, curar, salvar.** Uma ilha de civilização no Brasil Tropical. Aracaju: Criação, 2022.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. **Fontes para a História da Educação:** documentos da missão presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil. Maceió: EDUFAL, 2008.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova da Bahia. **Revista Lusófona de Educação.** n° 5. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2005, p. 111-126.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. **A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS., 2004a.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. Memórias de uma professora baiana. In: **I Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: PUC, 2004b.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. Sergipanas no Ponte Nova. **Cinform**. Aracaju, 29/11-03/12/2004. Caderno Cultura e Variedades, p. 4, 2004c.

REGIS, Mary. **Caderno de Recordações**. Rio de Janeiro: Acervo particular de Nelson dos Santos Galvão, 1921.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira** – aspectos da implantação do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

*THE MISSIONARY EDUCATION MOVEMENT. Christian work in Latin America. Survey and occupation message and method education. New York: Missionary Education Movement of the United States and Canada, 1917.*

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Sentimentos e opiniões. V. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres. In: MENEZES, Maria Cristina. **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 333-373.

## ENTREVISTAS

ALMEIDA, Belamy Macedo de. Entrevista concedida a autora em 20 de agosto de 2004. Salvador - BA.

DANTAS, Olda. Depoimento escrito em dezembro de 2004. Simão Dias - SE.

GALVÃO, Nelson dos Santos. 2005. Entrevista concedida a autora em 14 de janeiro de 2005. Rio de Janeiro-RJ.

VALVERDE, Shirley Chagas. Entrevista concedida a autora em 7 de outubro de 2004.

Aracaju - SE.

Recebido em 30 – 05 - 2023

Aprovado em 17 – 07 – 2023